

repertório da

SOCIEDADE
PORTUGUESA
DE AUTORES



**HISTÓRIAS DO
DIA - A - DIA**

Helder Costa

LFR 404

REPERTÓRIO DA SOCIEDADE PORTUGUESA
DE AUTORES

HISTÓRIAS DO DIA-A-DIA

POR

HELDER COSTA

ULF L160704



24-6-2014

LISBOA – 1978

NOTAS BREVES DE ENCENAÇÃO

PORQUÊ ESTAS "HISTÓRIAS DO DIA A DIA"?

1. "Histórias do dia a dia", é o título geral destas 3 pequenas peças. Com esta ideia-base, quer-se afirmar que tudo o que acontece no emprego, na rua, nas relações familiares, tudo o que pode ser a "sorte" ou o "azar", não passa de uma síntese apressada e em miniatura de tudo o que a nível político, económico ou ideológico domina o Mundo em que vivemos;
2. Sendo, então, o "quotidiano" o espelho mais fiel da nossa existência, o único problema que subsiste é o de saber como devem ser tratadas estas histórias;
3. Ultimamente, a nível internacional, tem-se verificado um interesse crescente por esta temática. As peças que têm saído sobre estas questões (e algumas já foram estreadas em Portugal), revelam, normalmente, uma óptica pessimista e derrotista sobre a existência e as relações humanas das actuais sociedades ditas avançadas da Europa e da América do Norte.
Parece-nos que esta visão do dia a dia tem a ver com a posição contemplativa do intelectual burguês em crise de confiança em relação a si próprio e em relação aos conhecimentos (teóricos, claro!), que ingeriu apressadamente sobre a sociedade actual e os seus mecanismos de transformação;

4. Já se sabe que não há que ter nenhuma confiança nem nenhuma esperança de justiça numa sociedade que se baseia sobre a desigualdade e sobre a opressão. Mas, na medida em que a nossa preocupação com a análise do quotidiano tem subjacente a preocupação de intervenção no campo da ideologia (o mesmo é dizer, no processo histórico), novas responsabilidades se nos deparam;
5. Essas responsabilidades exigem que saibamos tratar o "acontecimento" da forma mais dialéctica — para que o nosso trabalho sirva de testemunho à resistência e contradições que existem, a nível de todas as classes sociais, em relação a uma vida cheia de percalços, frustrações e inseguranças.
6. Para terminar, direi que a intervenção no campo artístico não tem nada a ver com uma lição académica e professoral, só compreensível por minorias eruditas; pelo contrário, tudo o que pode ser observado, imaginado e sugerido nestas histórias, terá a ver com a vida real, a carne e osso, o sangue, do povo que as inspirou e a quem se destinam. O que exige, necessariamente, um fio condutor baseado na irreverência e no humor mais sãos e directos, de forma a conseguir encontrar o optimismo que foi sempre atributo dos mais explorados e oprimidos, e a grande arma que acaba por torná-los, mais cedo ou mais tarde, verdadeiros donos de tudo aquilo que "já é deles".

Como montar estas peças?

1. Estas histórias são de uma grande simplicidade. Esta simplicidade faz com que exijam muito cuidado na sua montagem, de forma a combater tudo o que de agitação e propaganda panfletária possa surgir no decorrer do trabalho.
2. Todas as peças estão divididas por quadros. Cada quadro tem um título. Esse título indica — na linha de Brecht e Wekwerth — *a ideia essencial* que há a transmitir com esse quadro. Um exemplo: “A paciência das irmãs”, 3.º quadro de “O Jogo da Bola”, indica que deve demorar bastante tempo, ser bem ensaiada e ter grande riqueza de pormenores a “lição de dança” que o Hilário vai receber;
3. Os encenadores e actores têm de se debruçar, com esforço e atenção, sobre o apuro dos mais ínfimos detalhes. Só este trabalho permitirá, devido à riqueza de dados extraídos da vida real do povo, que essas histórias atinjam a dimensão *artística*, e não meramente, digamos, *noticiosa*.
4. Será necessário um esforço de realismo? Com certeza. Mas isso não implica que não possam surgir elementos distanciados, caricaturas, imitações da realidade, animais que falam, etc.
O único problema será o da justa medida. Para isso, e sem querer limitar a imaginação dos encenadores, proporia que o peso fundamental do espectáculo fosse garantido pela estética realista (e até naturalista, acidentalmente).

H. C.

"O JOGO DA BOLA"

1. *"O Jogo da Bola" tenta testemunhar uma história frequente e banal: devido a boas qualidades para a prática desportiva, um jovem começa a jogar futebol, a correr de bicicleta, ou a fazer qualquer outra coisa do género. Essas qualidades asseguram-lhe, por vezes, uma promoção na vida, a conquista de um bom nível económico, e a consideração das pessoas importantes da vila ou da aldeia.*

Infelizmente, nem sempre tudo corre bem. Um acidente, a "falta de juízo" (como sentenciam, moralisticamente, os senhores da "alta" que os promoveram e viciaram), provoca a perda de qualidades do Homem-Objecto-Capital investido que dava lucro. A partir daí, acabam os sorrisos e as pancadinhas nas costas, os "amigos" e "protectores" andam "muito atarefados" com outras coisas, etc., etc. O "herói" regressa, derrotado, à antiga situação. Ninguém lhe perdoa o insucesso. Será lembrado, acidentalmente, por miúdos que pontapeiam uma bola de trapos.

2. *A história é, de uma forma chã e primária, o mais pedagógica possível. Ela demonstra que, na medida em que os cordelinhos da promoção social fácil são manobrados por forças económicas e ideológicas contrárias à liberdade e ao respeito elementar pela pessoa humana, todos os elementos do povo acabam por ser sacrificados e utilizados ao serviço desses interesses.*
3. *Na prática, e isso é que é importante perceber para o trabalho de encenação, nem se trata da derrota de um homem do povo. Pois o povo nunca é derrotado quando está a ser posto em jogo e manipulado num campo que não é o seu.*

"O JOGO DA BOLA"

Quadros:

- 1. O Hilário vai começar a trabalhar**
- 2. Um homenzinho de palmo e meio**
- 3. A paciência das irmãs**
- 4. O primeiro baile**
- 5. O sr. Silva interessa-se pelo Hilário**
- 6. O primeiro contrato**
- 7. O jogo do futebol**
- 8. O negócio e a glória**
- 9. Em casa do sr. Silva**
- 10. O Hilário recebe visitas**
- 11. O relato de futebol**
- 12. O regresso de Hilário**

1. O Hilário vai começar a trabalhar

Em cena, uma mesa tosca e uns bancos, e uma ou outra ripa ao alto, indicam uma casa miserável de um bairro da lata.

A um canto, o pai prega tábuas num caixote. A mãe ocupa-se, ao fundo, a trabalhar na cozinha. Duas filhas estão sentadas a pôr remendos em calças e vestidos.

No outro canto, Hilário (com uns 10 anos) joga à bola com rapaziada da mesma idade.

Som de um rádio com as músicas mais em voga.

PAI (*continuando a pregar as tábuas no caixote*) — Oh Hilário! anda cá! (*Hilário corre para junto do pai*) — Estás a ver o que estou a fazer? É a tua ferramenta. Agarras nisto, compramos aí um bocado de graxa e vais ali pr'ó largo da vila. Há sempre aquela gente que gosta de se apresentar bem e quer andar com o calçado limpinho... e ao Domingo de manhã é toda a gente... vê se trazes uns tostões cá pr'a casa que isto anda mau... também não tens ofício nenhum, não há trabalho...

HILÁRIO — Está bem, pai. Então eu vou comprar a graxa, dê lá o dinheiro.

PAI — Vais à drogaria e pedes fiado... também não é muito.

(*Hilário sai a correr, chutando à passagem numa bola de trapos*)

MÃE — Fizeste bem, oh Zé... vai deixar de andar pr'aí na malandragem.

PAI — Não é grande coisa, mas o que é preciso é começar por qualquer lado... já é quase um homem...

2. Um homenzinho de palmo e meio

No centro da vila há uma fila de engraxadores. Já lá está a trabalhar o Hilário.

UM FREQUÊS BEM VESTIDO — Vê lá se me pões isso a preceito, que eu hoje tenho de ir dar umas voltas a Lisboa...

HILÁRIO — Oh sr. dr., é o melhor que há... olhe para esta beleza...

O FREQUÊS — Mas isto tem de ficar mesmo bom... o que é que julgas que são aquelas mulheres lá na cidade? *(Tira a carteira, mostra uma foto de vamp estereotipada)* Já viste disto?

HILÁRIO — É bonita... *(ri-se nervosamente)*. O sr. dr. está cheio de sorte... isso é que é... *(acaba de engraxar, passa com o pano a fazer guinchar o cabedal)* Aqui está o que é... hein? !...

O FREQUÊS — São 5 paus, não é? Toma lá mais uma coroa...

HILÁRIO — Obrigadinho, sr. dr., e boa noite lá por Lisboa...

O FREQUÊS — Adeus, rapaz... *(Hilário guarda o dinheiro, conta tudo o que já fez durante o dia, arruma a caixa, levanta-se, agarra na caixa e diz aos outros engraxadores):*

HILÁRIO — Se o meu pai vier aí, digam-lhe que eu já fui andando...

(Hilário sai do centro, mete-se apressadamente por uma rua e chega a um descampado onde rapazes jogam futebol. Põe a caixa a um canto e começa a jogar. Joga bem e fica naquilo até ao anoitecer.)

3. A paciência das irmãs

NARRADOR — O tempo passa. Hilário continua naquela vida. Divertimentos, só uma vez por ano, quando havia a feira lá na terra. E mesmo assim era apertado, porque havia muitos sapatos por engraxar. Entregava o dinheiro que podia à mãe e continuava a jogar futebol. Tem uns 15 anos.

A engraxar os sapatos.

UM ENGRAXADOR — Oh Hilário, então Domingo vamos ao baile?

HILÁRIO — Não tenho dinheiro. Também não tenho casaco.

UM ENGRAXADOR — Isso para entrar, a gente vai jogar à bola à tarde, é prós bombeiros... se a gente jogar bem o sr. dr. deixa-nos entrar...

HILÁRIO — Mas eu não tenho casaco.

UM ENGRAXADOR — Eu peço ao meu irmão, ele empresta-te.

HILÁRIO — Isso era porreiro. Gostava de ver a Maria de Lourdes. Mas eu nem sei dançar...

UM ENGRAXADOR — Aprendes. Porque é que não danças com as tuas irmãs lá em casa?

(Cena de Hilário a dançar com as irmãs em casa. Música de telefonia. Paragens por causa de anúncios. Desajeitados. Irmãs zangam-se com ele. Lá recomemça pacientemente. Com a mesma música, entra-se na cena seguinte).